

# Salomé de Oscar Wilde: Questionamentos

## Salomé by Oscar Wilde: Questionings

Gelson Peres da Silva

### Resumo

O texto teatral *Salomé* de Oscar Wilde evidencia o comportamento da mulher na sociedade vitoriana do fim do século XIX. Mas pode-se perceber que Wilde retrata uma nova mulher. Esta nova mulher é aquela, que representada por Salomé, busca consumir seu desejo a qualquer preço. Usando de seus dotes físicos, Salomé alcança o que tanto queria, beijar os lábios de Iokanaan, homem proibido e instigante para a jovem princesa. Após ter consumado seu desejo, Salomé é alvo do poder de Herodes que manda matá-la. Esta atitude de Salomé e de Herodes denotam a proibição do homem heterossexual branco quanto aos desejos da mulher. Além de proibição, este mesmo homem bloqueia o comportamento da mulher e de outras minorias há séculos, e isto o faz através de estereótipos e estigmas, criando e solidificando uma imagem que não corresponde aos anseios destes grupos. Se há uma nova mulher conforme questiona Hennesy (1993), onde ela está na sociedade e com o que sua vida cotidiana e prática corresponde com as teorias feministas?

**Palavras-chave:** Feminismo, direitos sociais, teoria e prática.

### Abstract

The theatre play *Salomé* by Oscar Wilde shows women's behavior in the Victorian society at the end of the XIX century. We can realize, though, that Wilde portrays a new woman. This new woman is the one who represented by Salomé searches for accomplishing her desire at any price. Profiting her physical beauty, Salomé achieves what she wanted so: to kiss Iokanaan's lips, a prohibited and intriguing man for the young princess. After accomplishing her desire, Salomé is the target of Herodes' power that sends for her death. This attitude of Salomé and Herodes denote the prohibition installed by the white heterosexual man towards the women's desires. Besides the prohibition, this sort of man has blocked the woman's and other minorities' behavior for centuries by the use of stereotypes and stigmas, creating and solidifying an image which does not correspond to these groups' desires. If there is a new woman, according to Hennesy's questioning (1993), where is she in society and what does her practical and everyday life have to do with the feminist theories?

**Key words:** Feminism, social rights, theory and practice.

Quando Oscar Wilde (1834-1900) escreveu sua peça de teatro mais conhecida e famosa intitulada *Salomé*, o mundo a seu redor vivia sob o grande reinado da rainha Victoria. Sob esse reinado, o povo inglês e suas colônias vis-

lumbraram uma sociedade na metrópole (Londres) plena de costumes rígidos apoiados pelo forte sentimento religioso cristão. O casamento, uma das instituições sociais mais conservadas dentro do período vitoriano, variava de

Gelson Peres da Silva é Mestre em Literatura Inglesa e Professor no Curso de Língua e Literatura da Universidade Luterana do Brasil. Endereço eletrônico: [ishrafel@hotmail.com](mailto:ishrafel@hotmail.com)

Textura	Canoas	n. 4	1º semestre de 2001	p. 53-57
---------	--------	------	---------------------	----------

classe social para classe social a que os nubentes pertenciam. Em todos os casos, a mulher inglesa esperava o casamento como algo inevitável para seu destino dentro daquele mundo, segundo Joan Perkins (1993) relata.

No entanto, eis que surge um escritor um tanto perturbador, Oscar Wilde. Sua perturbação se dava muito mais em função de sua vida pessoal e o que ele fez dela do que suas próprias obras literárias. Segundo minha pesquisa de mestrado em 1999, Oscar Wilde rompeu com padrões vitorianos e escancarou ao mundo de então e de hoje aquilo que fazia em sua privacidade fora de seu próprio casamento. Talvez tenha sido sua marca deixada numa sociedade conservadora como a inglesa que faça ser notório salientar o que alguns autores de história literária têm feito com a obra Wilde. Young (1957) dedica em sua obra *Victorian England* apenas dois adjetivos a ele numa obra de 219 páginas: “sátiro oportuno e efetivo” (163), e Inglis e Jones (1951), por sua vez, dedicam em sua obra *Adventure in English Literature* apenas uma frase a Wilde, chamando sua obra de “um espírito diferente da época” (459), isto é, os valores vitorianos da sociedade numa obra de 813 páginas.

A atitude incômoda de Wilde para uma sociedade em plena elevação mundial no campo econômico e político como a inglesa, decretou o fim de um gênio ao encarcerá-lo por dois anos numa prisão de serviços forçados. Após sua libertação, Wilde viveu pouco tempo, deixando uma obra que até hoje é alvo de estudo e de questionamentos. Uma dessas obras é *Salomé*.

Wilde se volta ao século I da era cristã e à conhecida história bíblica do tetrarca Herodes e sua família, constituída por Herodias (ex-esposa do irmão de Herodes) e Salomé, filha de Herodias. Este grupo social, poderoso e controverso mesmo para a época neotestamentária, é o centro da trama em que Iokanaan (João, o batista - na versão bíblica) é envolvido devido ao desejo de Salomé.

Dentro de um cenário único e em um só ato, *Salomé* surge como um texto teatral revolucionário, pois diverge dos textos teatrais tradicionais como os renascentistas em sua estrutura textual e cênica. *Salomé* também diverge da questão do lugar que a mulher inglesa possuía nos tempos do reinado da rainha Victoria. Estas ‘quebras’ de convenções expostas nestes

pontos por Wilde indicam uma ‘quebra’ nas questões sociais do século XIX.

Rodeados por uma sociedade na qual a mulher buscava acima de tudo casar-se para ser considerada honrada e bem vista por seus pares, Jane Austen ironiza o casamento<sup>1</sup> e Oscar Wilde evoca, assim como outros autores do Realismo inglês, o desejo feminino tão ensurdecido e proibido, levando indubitavelmente a plateia e o leitor a questionamentos que o mundo do final do século XIX soava<sup>2</sup>.

Se até o fim do século XVIII a mulher não era mais do que um homem imperfeito segundo Sinfield denota em sua obra *The Wilde Century* (1991), a mulher do fim do século XIX começa a lutar por seus direitos civis em movimentos que podem ser chamados de as primeiras insurreições feministas da História (Shanley 1990). A busca por seus direitos trabalhistas e, por consequência, sociais, trouxe a mulher inglesa para a memória da História humana, pois a mulher queria deixar de ser apenas um objeto, um corpo de reprodução social, para ser um **sujeito** social assim como o homem já o vinha sendo desde séculos.

Voltando-se para uma época em que a mulher submetia-se ao desejo de seu homem e não possuía cidadania, Wilde relata a história (carregando-a de ficção) de uma jovem princesa que ousou desejar e tornar seu desejo real e consumado. Salomé destoa de sua mãe Herodias. Por um lado, Herodias, ainda que de gênio forte, é submissa ao marido em prol daquilo que ele poderia proporcionar-lhe. Por outro lado, Salomé é jovem, solteira, bela, misteriosa, encantadora e desejada. Estes adjetivos fazem-na alvo do olhar de seu padrasto Herodes. Este homem poderoso a deseja, mas sabe que para tê-la, para usufruir de seus prazeres, tem de oferecer à jovem qualquer coisa que ela deseje. Salomé, por sua vez, deseja um homem proibido, instigante, perigoso, Iokanaan.

Para satisfazer seu desejo que a arrebatava (Salomé quer beijar os lábios de Iokanaan), a jovem princesa utiliza-se da oferta de Herodes (mesmo advertido por sua mulher que não o

<sup>1</sup> como exemplo, temos a obra *Emma*.

<sup>2</sup> interessante salientar o que acontece com *Isabel em Retrato de Uma Mulher (The Portrait of a Lady)* de Henry James. Esta personagem protagonista é como que *punida* por querer decidir sobre seu destino.



fizesse) para atingir seu desejo e consumá-lo. Sendo assim, Salomé atende ao desejo de Herodes e dança para ele, sem antes relatar-lhe o que queria em troca. Após a dança que inebria Herodes e o satisfaz, Salomé pede a cabeça de Iokanaan. Este pedido é recusado e Herodes oferece tudo o que tem, exceto a cabeça de Iokanaan. Salomé insiste irreversivelmente. Por fim, contrariado e sem saída (pois que não podia negar sua palavra), Herodes manda que tragam a cabeça de Iokanaan. Com a cabeça em suas mãos, Salomé beija os lábios de Iokanaan num ato de extremo prazer e glória, ressaltando que havia atingido seu desejo. Porém, enraivecido por tal ato frio e macabro, Herodes manda que a matem. E a cortina desce.

Neste ínterim, pode-se perceber uma batalha de desejos. Por um lado, o desejo de um homem que tudo pensava poder, por outro lado o desejo de uma mulher que paga o preço para realizar seu desejo. Pode-se perceber que Wilde põe frente a frente a luta que começa a se travar quando a mulher busca seu próprio prazer num mundo governado pelo homem. Wilde, assim como muitos escritores do Realismo inglês, expõe esta mulher a seu único destino: a morte, denotando, assim, o fim que toda mulher tem na sociedade vitoriana quando da busca da realização de seu prazer. Wilde também deixa evidente a importância da fidelidade entre os homens, visto o ponto a que Herodes chega para não entregar a cabeça de Iokanaan, fato cuja razão o leitor jamais fica sabendo, ao menos na peça, uma vez que o narrador não explicita tais razões.

Se o fim da mulher<sup>3</sup> é sua morte como preço final por desejar, Wilde retrata, bem como, uma **nova mulher** em *Salomé*. Isto é, ele sugere uma mulher que pagará qualquer preço, mesmo sua própria vida para atingir seu prazer,

<sup>3</sup> É fundamental esclarecer, de acordo com Teresa de Lauretis em *Tecnologia do Gênero* (1992), que a construção do gênero é o produto e o processo tanto da representação quanto de auto-representação. A mulher com M (maiúscula) se aplicando à essência inerente a todas as mulheres, e mulher com m (minúscula) se aplicando aos seres reais, históricos e sociais. Mulher como sujeito do feminismo, para Lauretis, ainda está em busca de definição e concepção (217). Ainda, as mulheres são sujeitos históricos governados por relações sociais reais que incluem a teoria feminista (218). Por isso, reitero que estou falando de mulher em geral, não nos diferentes tipos culturais de mulheres conhecidos no mundo. Esta explicação se faz necessária uma vez que eu considero que minha exposição abrange não apenas a mulher inglesa dentro de sua cultura, como todas; portanto, não se tratando de um caso esporádico e meramente de uma cultura em particular, mas da mulher enquanto ser humano dentro da cultura humana.

seus direitos. Isto nos remonta ao fato ocorrido não muito após a morte de Wilde (este morreu em 1900) quando mulheres morreram incendiadas numa fábrica inglesa por se rebelarem contra seus empregadores homens, criando o dia mundial da mulher como marco da luta feminista no início do século XX.

Ainda, esta nova mulher quer, e quer não apenas trabalhar para seu sustento e de sua família, ela quer também ser cidadã assim como o homem o é há muito tempo. Se a busca por seus direitos pode lhe custar a vida, Wilde sugere que essa nova mulher parece crer que vale a pena pagar o preço e rebelar-se contra a opressão do homem.

Este relato de Wilde nos remonta aos textos das tragédias gregas, já que naqueles personagens protagonistas tinham como fim a morte. Além de uma característica do gênero trágico, podemos verificar que a morte servia como uma condenação, uma punição àquele ou àquela que se insurgia contra os desígnios dos deuses. Embora a morte fosse o fim de homens e mulheres nas tragédias gregas, podemos verificar na personagem de Antígona de Sófocles uma ligação com Salomé. Antígona escolheu a morte em vez de permanecer viva e seguir as demandas de um líder opressor como seu tio e rei Creonte. Esta intertextualidade reforça para nós, leitores, a posição tomada por Salomé, apesar de que no caso desta vemos uma rebeldia não apenas contra as determinações do governante, como também um intuito maior que foi o de alcançar a consumação de seu desejo. Esta posição de Salomé foge à visão de um *establishment* um tanto quanto mítico sobre a mulher e faz despontar algo que parecia calado na atuação social da mulher desde tempos remotos e que eclode no século XIX. Esta eclosão nos leva ao tema foco da análise de Hennesy em seu livro *Materialist Feminism and the Politics of Discourse* (1993).

Hennesy questiona essa nova mulher desde o ângulo da teoria e da prática. Segundo ela, parece haver um distanciamento entre as teorias feministas e o que a mulher vive em seu cotidiano. Se há uma nova mulher, onde ela está na sociedade? De acordo com o que a teoria expõe, a vida da mulher é distinta das análises que professam falar da experiência da mulher (Hennesy, 1993, p. 70). Hen-



nesy analisa a revisão neo-pragmática da teoria básica de Hawkesworth que é semelhante às sugestões de Sandra Harding para a epistemologia feminista, e verifica que ambas confrontam a incoerência na universalização e privilégio da posição da mulher na epistemologia básica, pois para estas autoras deve-se “substituir o desejo feminino para unificar-se em torno das experiências comuns das mulheres uma solidariedade política baseada em objetivos compartilhados com outros grupos que lutam contra a hegemonia ocidental” (idem, p. 71).

Mais tarde em seu capítulo terceiro, Hennesy relata a noção de Linda Alcoff em que esta define a identidade de gênero como *posicionalidade*. Em outras palavras, para Alcoff “as vidas das mulheres se constituem no ponto de partida para uma epistemologia feminista” (Hennesy, 1993, p. 74). A mulher passa a ser então, na visão de Alcoff, “um sujeito que pode “escolher” as posições discursivas que ela ocupa” (aspas da autora) (idem, p. 74). Além disso, o conceito de posicionalidade para Alcoff permite à identidade da mulher não cair no essencialismo... “[pois] ser uma “mulher” significa assumir uma posição dentro de um contexto histórico que se move e ser capaz de *escolher* o que fazemos desta posição e como alteramos este contexto” (ênfase de Hennesy) (idem, p. 74).

Se a posição da mulher nestes últimos dias do século XX é outra que não aquela dos séculos I e XIX da era comum, e se o que lemos em Hennesy a mulher é capaz de escolher o que faz no contexto histórico, resta-nos observar o mundo ao redor e verificar a prática do comportamento das mulheres. Se Salomé usufruiu de seus dotes físicos para alcançar seu objetivo no século I, e se a Salomé de Wilde retorna a esta tática para atingir seu objetivo, o que está fazendo a mulher do fim do século XX? Está ela indo por outros caminhos que não apenas o de utilizar seus dotes físicos que encantam o homem e o fazem “cair a seus pés” e obedecer-lhe os desejos?

É verdadeiro salientar que muito tem sido obtido não só na luta dos direitos civis no campo feminista, como também outras minorias têm se levantado e ido em busca de seus espaços num mundo governado pelo homem branco

heterossexual<sup>4</sup>. Também é verdadeiro dizer que o movimento feminista desde seus primórdios serviram e servem de exemplo para outras classes sociais como os índios, os negros, os miseráveis, os sem-terra, os homossexuais e outras. No entanto, o que fica no ar incomodamente e o que se percebe com evidência é o caminho que algumas mulheres ainda tomam para alcançarem seus alvos que nada diferem dos caminhos escolhidos por Salomé em outros tempos passados.

A luta feminista parece começar antes, isto é, num espaço conhecido como lar. Sem nos envolvermos em moralismos que a palavra *lar* pode denotar em relação à constituição da família e considerações maiores sobre este tópico, voltemos o olhar para o que os meios de comunicação como a televisão, o cinema, os jornais e as revistas estão fazendo com a imagem da mulher e das outras minorias. Percebe-se que estas imagens ultrapassam a apreciação da beleza estética de um corpo humano, ingressando numa exploração que vai além do que a vida da mulher é na prática. Estas mesmas imagens expostas em revistas e outros meios declaram a manutenção de um modelo social no qual valores humanos ficam quase esquecidos, valores esses que se referem à dignidade humana, e dos quais as mulheres e outros grupos têm direito. Pode-se perceber que essa imagem criada por estes meios de comunicação de massa servem ao sistema social e cultural no qual a mulher está inserida.

Podemos também perceber as mesmas imagens ainda persistentes quanto às outras minorias. Os poderosos do sistema, a maioria dos homens brancos heterossexuais, insistem em mostrar uma imagem estereotipada e estigmatizada daqueles que não têm ainda na prática seus direitos sociais garantidos por lei, e quando estas minorias alcançam alguns direitos, pouco funciona no intercurso diário das relações sociais.

Se o *locus* é o lar, resta-nos questionarmo-

<sup>4</sup> Aqui é valioso lembrarmos do regime Apartheid praticado até pouco tempo na República da África do Sul, no qual os negros (a maioria da população) eram governados e segregados por uma minoria branca. Estes decretavam direitos sociais e civis aos brancos os quais não eram usufruídos pelos negros. Como se sabe, este regime criou uma luta constante pela busca de igualdade social entre os habitantes daquele país.



nos quanto ao que a mulher está fazendo com os valores passados de geração a geração a sua prole. Se em casa, no seio da família, os valores sociais persistem em ser machistas e a favor dos poderosos, e se na escola o grande contingente de educadores é constituído de mulheres, podemos insistir na grande responsabilidade que permanece nas mãos da mulher e do que ela está fazendo para diminuir ou desbancar a ideologia ainda vigente que privilegia somente a uma pequena minoria de homens brancos heterossexuais que oligarquicamente governa o mundo.

Questões delicadas e incômodas nos surgem, tais como: O que será da voz das primeiras mulheres que se levantaram para lutar pelos direitos das mulheres que hoje possuem o espaço que aquelas não tinham? Estarão as mulheres de hoje temendo represálias que as primeiras feministas e homens como Wilde sofreram? Estará havendo uma confusão na cabeça da mulher a esta altura da História em que a luta por igualdade de direitos é constante? Estará a mulher minando suas aquisições sociais em detrimento de algo que já está ultrapassado como a submissão ao homem? Estará a mulher esquecendo tudo o que já foi feito durante este século para seus alcances sociais? Estará a mulher ainda apreciando os modelos românticos de uma vida que não condiz com a realidade social ao redor? Será ainda o casamento o único futuro possível reservado para a mulher num mundo em que já se conseguiu avançar em alguns campos sociais como o voto, o trabalho e por consequência uma vida pública? Será que

o corpo é o único instrumento que a mulher pode utilizar para demonstrar à sociedade suas capacidades? Entre outras questões que incomodam mais do que ajudam a encontrar uma resposta satisfatória, resta-nos perguntar: o que quer a mulher nesta nova década deste novo século numa era como a que estamos vivendo?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HENNESY, Rosemary. *Materialist Feminism and the Politics of Discourse*. New York/London: Routledge, 1993.
- INGLIS, Rewey; SPEAR, Josephine. *Adventure in English Literature*. New York, Chicago: Harcourt, Brace and Company, 1952.
- LAURETIS, Teresa. *A tecnologia do gênero*. Tradução de Susana Bornéo Funck. In: a) Boletim do GT: *A mulher na literatura*, Florianópolis, nº 4, 1992. (23-54) b) Buarque de Hollanda, Heloisa (Org.) *Tendências e impasses - O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- PERKIN, Joan. *Victorian Woman*. New York: New York University Press, 1993.
- SINFIELD, Alan. *The Wilde Century*. London: Cassell, 1994.
- YOUNG, G. M. *Victorian England. Portrait of an Age*. 2<sup>nd</sup>. ed. London: Oxford University Press. 1957.



